

**BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS, LUGARES DE RESISTÊNCIA:  
uma leitura do espaço a partir dos espaços de leitura**

Ruth Paulina Rios de **SOUZA**  
Universidade Federal do Ceará  
E-mail: ruthprios@outlook.com

Tiago Vieira **CAVALCANTE**  
Universidade Federal do Ceará  
E-mail: tiagocavalcante@ufc.br

**RESUMO:** Este artigo tem o intuito de investigar as relações possíveis entre a Geografia, a Literatura e a Cidade a partir do papel que possuem as bibliotecas comunitárias, tendo como lócus de estudo a Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias, em Fortaleza-CE. Pretende-se inicialmente abrir uma discussão sobre as mudanças no espaço urbano e a precariedade dos serviços básicos que fazem das bibliotecas comunitárias lugares de esperança e resistência, agregando relações sociais baseadas no humanismo, na arte e na capacidade de reflexão pelas sensibilidades e sentimentos. Fazemos isso a partir de uma abordagem humanista e cultural em Geografia e da Geografia Literária. Este artigo, enfim, a partir do cotidiano da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias, elabora uma leitura do espaço a partir de um espaço de leitura.

**Palavras-chave:** Bibliotecas Comunitárias. Espaços de Leitura. Cidade. Geografia Literária. Geografia Humanista e Cultural.

**COMMUNITY LIBRARIES, RESISTANCE PLACES:  
a space reading from the reading spaces**

**ABSTRACT:** This paper has the intent to investigate the relations between the Geography, the Literature and the City based on the mission that community libraries have, focusing as object of study the Papoco de Ideias Community Library, in Fortaleza-CE. Therefore, intended to open a discussion about the urban changes and the precariousness of public services that induce the community libraries to be places of hope and resistance, adding social relationships based on humanism, art and the ability to reflect on sensitivities and feelings. We do this from a humanist and cultural approach to geography and literary geography. Finally, this article, based on the daily of the Papoco de Ideias Community Library, elaborates a reading of the space from a reading space.

**Key-Words:** Community Libraries. Reading Spaces. City. Literary Geography. Humanist and Cultural Geography.

## **BIBLIOTECAS COMUNITARIAS, LUGARES DE RESISTENCIA: una lectura de espacio de los espacios de lectura**

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo investigar las posibles relaciones entre la Geografía, la Literatura y la Ciudad en función del papel que tienen las bibliotecas comunitarias, con la Biblioteca Comunitaria Papoco de Ideias como foco de estudio, en Fortaleza-CE. Inicialmente se pretende abrir una discusión sobre los cambios en el espacio urbano y la precariedad de los servicios básicos que hacen de las bibliotecas comunitarias lugares de esperanza y resistencia, agregando relaciones sociales basadas en el humanismo, el arte y la capacidad de reflexionar sobre las sensibilidades y los sentimientos. Hacemos esto desde un enfoque humanista y cultural de la geografía y la geografía literaria. Finalmente, este artículo, basado en la vida cotidiana de la Biblioteca Comunitaria Papoco de Ideias, elabora una lectura del espacio desde un espacio de lectura.

**Palabras clave:** Bibliotecas Comunitarias. Espacios de Lectura. Ciudad. Geografía Literaria. Geografía Humanista y Cultural.

## **CAMINHOS DA GEOGRAFIA LITERÁRIA**

O interesse da Geografia pela Literatura é reforçado pela possibilidade de uma abordagem humanista e cultural do espaço e do tempo na interpretação do mundo moderno. É dessa forma que a compreensão do espaço a partir de obras literárias torna-se uma ferramenta importante no entendimento das relações inextricáveis existentes entre o Homem e a Terra (BROSSEAU, 2007; DARDEL, 2011).

Alguns geógrafos e literatos, como Fernando Segismundo (1949) e Mauro Mota (1961), em meados do século 20, já escreviam sobre a importância da literatura para revelar geografias diversas, desde a questão identitária e econômica de um território à descrição de suas paisagens e de suas gentes. Sobre isso, Dardel (2011, p. 3) escrevera que o geógrafo não perde em nada em confiar no observador que sabe admirar e selecionar a imagem justa e luminosa, como a do mundo do escritor, “[...] em que a feição da Terra se anima com as vibrações coloridas do momento”.

A Geografia, nesse âmbito, é um campo de conhecimento que pode fazer uso da riqueza da literatura, pois a partir da estética da escrita literária e daquilo que ela nos (re)apresenta temos a possibilidade de perceber novas facetas da construção socioespacial dos lugares, suas espacialidades e geograficidades (OLIVEIRA, MARANDOLA JR., 2010).

Usar dos artifícios da literatura para estudar o espaço é também enveredar-se pela (re)construção e (trans)formação dos espaços a partir da escrita. Assim, a Geografia pode debruçar-se sobre a literatura para construir um paralelo metodológico que desvela os elementos humanos e naturais pela palavra, descortinando distintos mapas e tramas geográficos (MONTEIRO, 2002). Esse é o caminho de uma Geografia Literária e é nesse

sentido que a Geografia e a Literatura, respeitando as suas particularidades, devem ser compreendidas como “[...] maneiras do homem (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado e (re)criado” (CAVALCANTE, 2019, p. 22).

A cidade nesse contexto também tem grande importância, afinal é impossível dissociar a produção e reprodução da cidade de seus fenômenos sociais (CARLOS, 2007), entre eles a literatura. Além disso, o espaço urbano e todos os processos que lhes são concernentes sempre interessaram à Literatura (FERNANDES, 2000). A cidade sempre foi lugar de cartografias possíveis, palco para a criação e condução de personagens as mais variadas. Basta nos lembrarmos da literatura realista de Machado de Assis que tem o Rio de Janeiro como mapa de suas tramas, da Paris de Émile Zola tão ricas do sarcasmo das relações sociais em espaços distintos da cidade da luz, ou mesmo, para citarmos os nossos, os cearenses de antes e de agora, da Fortaleza de Adolfo Caminha (*A Normalista*), Oliveira Paiva (*A Afilhada*) e Jader de Carvalho (*Aldeota*), (d)escrita em suas ruas, praças, calçadas, casas e nas relações políticas, econômicas e culturais que as personagens estabelecem com tais espaços.

Notemos, mais recentemente, o interesse de diferentes estudiosos em elaborar a partir da literatura outro olhar sobre as cidades. Fernando Savater (2015), por exemplo, no livro *Lugares mágicos: os escritores e suas cidades*, elabora a partir da vida e da obra de escritores como Franz Kafka, Jorge Luis Borges, Pablo Neruda, Fernando Pessoa, Virgínia Woolf, entre outros, uma cartografia literária de cidades como Praga, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lisboa, Londres. Esses lugares são conhecidos a partir das vivências dos escritores e das tramas que envolvem as suas personagens.

O jornalista Fabrício Marques (2015) em *Uma cidade se inventa: Belo Horizonte na visão de seus escritores*, também segue a mesma trilha. Em seu livro são tecidos mapas literários, afetivos e sentimentais da capital mineira a partir da vida e da obra daqueles que escreveram sobre a referida cidade. É a oportunidade de captarmos o plano sociológico, mas também histórico e geográfico, que envolve aqueles que decidem (re)inventar novos ou diferentes significados para os espaços na cidade.

Em meio a tudo isso, a cidade acontece, é produzida e reproduzida contraditoriamente, tendo como alguns de seus resultados a exclusão social, a segregação territorial, a informalidade, a ilegalidade e a violência. Esse desenvolvimento desigual cria espacialidades que incitam diferentes vetores de habitação, formas de morar, de (sobre)viver, conforme os interesses imobiliários (MARICATO, 2003).

Por esses meandros há a possibilidade de interpretação geográfica dos espaços de leitura, maneira como podem ser entendidas as bibliotecas comunitárias, compreendendo a sua constituição na cidade, nas formas como as comunidades se mobilizam para sua criação. Isso, tendo em vista onde se localizam: comumente em espaços marginalizados e precários, sendo importante compreendermos as lutas socioespaciais que a eles estão imbricadas e qual a sua gênese.

Desta feita, são evidenciados aqui os caminhos traçados pelas bibliotecas comunitárias de impacto no espaço onde estão inseridas. Maneira de a Geografia Literária ser ampliada, não nos concentrando somente naquilo que foi escrito, àquilo que está no papel, mas também nas possibilidades de (re)fundação do mundo dos sujeitos pelo acesso ao livro e ao ato da leitura.

Diante do exposto, nos aproximamos da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias. Localizada no bairro Pici, em Fortaleza – CE, em meio à comunidade do Papoco, a biblioteca nasce dentro da casa da família Castro, conduzida, principalmente, pelas irmãs Cristina e Argentina Castro. Tal espaço de leitura é um exemplo de lugar de resistência, estando, como será visto, relacionado a uma rede de afetos com papel fundamental na reflexão sobre as desigualdades que permeiam as periferias da cidade de Fortaleza. Lugar que não pode ser dissociado da literatura, nos permitindo uma leitura do espaço a partir desse espaço de leitura.

## **O ESPAÇO, A CIDADE E A LITERATURA**

É possível entender o espaço como base para as ações e os objetos que o homem produz, isto é, o espaço é um produto histórico e social que possui materialidade, temporalidade e também símbolos e significados. O espaço comporta, portanto, o conjunto das ações humanas e por isso por elas é atravessado.

As cidades, por esse viés, são construções que imbricam uma série de estruturas formais e informais, materiais e imateriais, provocadoras de mudanças no espaço como conhecemos e vivenciamos. As relações socioespaciais nas cidades são fortemente influenciadas pelos processos econômicos globais que ali convergem. As suas ebulições e o modo de produção capitalista estão diretamente relacionados à (re)produção do espaço que é induzida pelos interesses dos grandes conglomerados e da elite, muitas vezes intermediados pelo Estado. Dessa forma, parte da sociedade apenas é coadjuvante desses interesses (LIMONAD, 1999).

A cidade de Fortaleza em seus 294 anos existência, enfrentou e ainda enfrenta um intenso processo de urbanização desigual. De um pequeno aglomerado urbano sem grande relevância, à quinta cidade mais populosa do país (COSTA, 2014), os agentes imobiliários têm levado a cidade a crescer rumo aos céus, com a verticalização e sofisticação de alguns setores da cidade, em detrimento de tantos outros. Ressignificação de equipamentos e espaços que eram voltados a um tipo de serviço agora oferecem outros. São muitas as novas centralidades e dinâmicas, levando os mais empobrecidos para as suas bordas, para as suas extremidades.

Tais periferias da cidade são marcadas, em sua gênese e no decorrer da história, por processos de êxodo das secas que castigaram a população cearense, além da varíola e da desvalorização do algodão, acarretando o acomodamento de população em espaços até então menos valorizados, hoje muitos deles, de certa forma, centrais (BRITO, 2013). Apesar da grande crise que a cidade enfrentou no final do século 19 com a seca e a peste, Fortaleza se recupera e ao longo do século 20, afirma o controle político-administrativo da região e passa a concentrar não só a atividade industrial, mas também os serviços de lazer e cultura (PEREIRA JÚNIOR, 2012). O crescimento da cidade, não obstante, deu-se de forma desordenada, a ocupação urbana apresentando padrões diversificados no espaço, e assim:

As diversas formas de produção do espaço geográfico exercem forte pressão sobre o espaço natural, sendo realizadas, na maioria das vezes, sem considerar a vulnerabilidade dos grupos sociais e dos sistemas naturais, por vezes ampliando as condições de risco a que estão expostas parcela da população urbana (ZANELLA et al, 2013. p. 318).

Como a demanda urbana cresce em setores industriais e de serviços, as periferias também crescem tomando grandes proporções, comportando aqueles que trabalham nos setores citados. O que antes era um punhado de barracos precários se transforma em bairros populosos que acumulam problemas socioambientais graves, sendo que “a vulnerabilidade socioambiental pode ser definida como uma área em que coexistem riscos ambientais (áreas de alta e muito alta vulnerabilidade ambiental) e populações em situação de maior vulnerabilidade social” (DANTAS; COSTA; ZANELLA, 2016, p.71).

Tendo em vista que parte da população (sobre)vive em condições de vulnerabilidade, os moradores desses bairros têm os serviços mais básicos, como o acesso à água encanada e ao saneamento básico, entre tantos outros, limitados. São nesses locais em que boa parte das crianças e jovens da cidade cresce, vive e partilha de momentos importantes de suas vidas, em

meio à violência urbana como parte de um processo histórico de exclusão e de negação de direitos.

As consequências dessas desigualdades sociais e o abandono aviltante das periferias pelo Estado refletem gravemente na segurança pública, porquanto as periferias são espaços segregados pela violência e pelas facções criminosas. Essa violência concentrada nas periferias, evidentemente, resulta na também violência sofrida por essas pessoas, perpetrada pelos agentes urbanos através da segregação socioespacial.

A violência muda a forma como as pessoas se relacionam com o espaço vivido, limitando até mesmo o seu cotidiano e a convivência social. Segundo Souza e Ximenes (2007, p. 07), “A segmentação social é um dos fatores mais impactantes e negativos do aumento da violência nos bairros da Região Metropolitana de Fortaleza, ou seja, a separação de amigos e famílias, bem como, a morte de pessoas, corrobora para diminuição da interação das redes de solidariedade entre habitantes”.

Além desse contexto, é relevante avaliar que os jovens de hoje se deparam com um maior número de caminhos possíveis que seus pais ou seus avós. As tecnologias os permitiram que a conexão entre as pessoas aumentasse via Internet, abrindo um leque de informações através de outros meios de comunicação. O aumento de informações, como resultado da ampliação da tecnologia, acaba criando um excesso de estímulos onde o jovem se defronta com muitas possibilidades. Para Perissé (2006, p.33), “O excesso de estímulos desestimulou a muitos. Quanto mais entregues a uma torrente contínua de emoções, imagens, menos capazes nos tornamos de senti-la. [...] O excesso de opiniões nos impede de pensar por conta própria”. A juventude recebe uma torrente de informações, levando-a a pensar de acordo com o que aparece diante dos olhos, sem muito tempo de processá-las, sem muito tempo de julgá-las e escolher o que verdadeiramente apreender. Um exemplo do caráter simbólico da violência.

Petit (2009), exemplo de estudiosa que tem pesquisado a relação dos jovens com a leitura, reflete que a juventude francesa em situação de vulnerabilidade também está exposta à violência simbólica e os espaços da cidade que são segregados refletem uma realidade de direitos negados e de muitas impossibilidades. Se bem pensarmos, o que revela Petit, não é muito diferente do acontecido com os jovens da América Latina dos dias de hoje, tampouco com os jovens de Fortaleza, que segregados e marginalizados não tem acesso até mesmo ao saneamento básico, muito menos à cultura e, mais especificamente, à literatura.

E qual a importância das bibliotecas comunitárias diante disso tudo? Elas oportunizam aos seus frequentadores experiências que lhes foram negadas historicamente, expondo esses à

leitura e a outras artes, proporcionando um meio de resistir à violência, à marginalização e à alienação do seu contexto, pois a partir do momento em que o sujeito, por exemplo, lê e se reconhece na leitura, abrem-se outros caminhos de percepção de seu espaço, expandindo o entendimento que ele tem de si mesmo e do mundo.

Fortaleza é a cidade de José de Alencar, Juvenal Galeno, Oliveira Paiva e também de Rachel de Queiroz, do Café Java e dos encontros literários da Padaria Espiritual. Em uma cidade que possui uma geografia marcada pela literatura, também na descrição dos lugares, nos nomes de praças e de ruas, ainda se fala muito pouco e nega-se muito ao fortalezense a importância da leitura e do reconhecimento desses espaços vividos e narrados pelos seus autores.

A biblioteca comunitária é fundamental para introduzir à juventude da periferia as oportunidades negadas, para ler e construir a sua própria identidade, pois “[...] a leitura e a biblioteca são, desse modo, lugares onde alguns encontram armas que os encorajam na afirmação de si mesmo, onde se distanciam do que conheciam até então” (PETIT, 2009, p.86). Onde o jovem percebia somente a violência, agora passa a perceber a esperança, a conexão, encontrando força para lutar contra a condição socioespacial que lhe é imposta. Outro caminho, portanto, mais próximo do cotidiano daqueles que vivem as contradições da cidade.

## **PELOS MEANDROS DE UM ESPAÇO DE LEITURA**

Há aproximadamente quatro anos, mais especificamente no período carnavalesco de 2016, a Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias foi fundada com o intuito de possibilitar outras oportunidades para a sua comunidade. Segundo Cristina Castro, uma de suas fundadoras, ela e sua família nasceram e se criaram na comunidade do Papoco e ao longo de sua história viram a mesma se expandir, o bairro crescer e com isso também os problemas aumentaram.

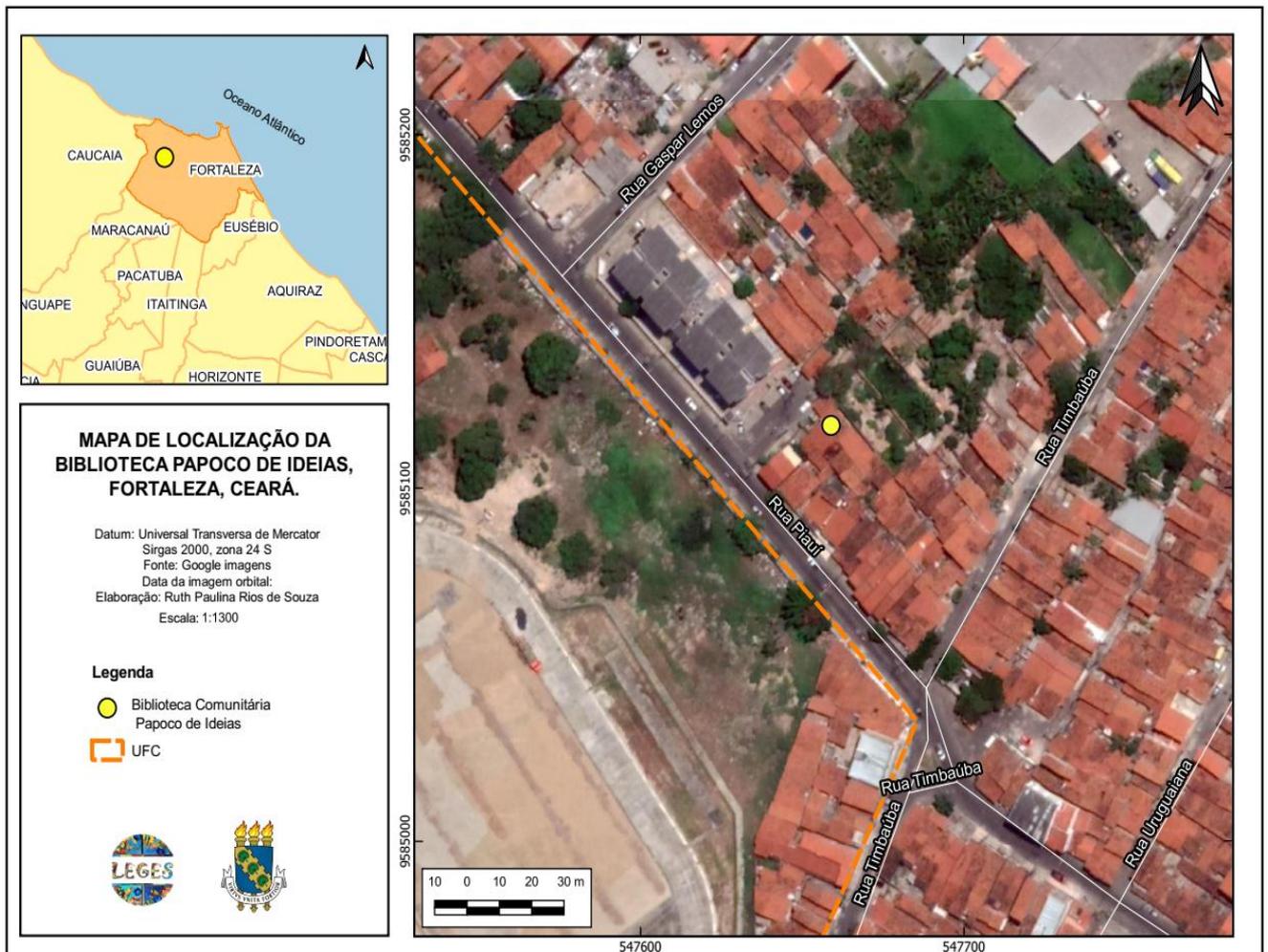
Localizada no bairro Pici, na Travessa Piauí, de frente para o muro da Universidade Federal do Ceará (Figura 1), a história da Papoco de Ideias remonta também à história da família Castro, que abriu as portas da própria casa para fundar a biblioteca. Cristina conta que seu pai construiu a casa em um alagadiço (área de várzea do Rio Maranguapinho, tributário do Rio Ceará). Isso há mais de 40 anos.

Difícil foi desde o início estar ali, pois a prefeitura por muito tempo insistiu em dizer que a casa estava no meio de um traçado de rua e por isso deveria sair daquele local. Tiveram

que comprovar por usucapião que moravam naquele espaço há bastante tempo. Em meio à vulnerabilidade socioambiental de morar em uma área alagável e das dificuldades sociais que isso envolve é que surge a Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias. Sobre o nascimento da Papoco de Ideias, nada melhor que o relato de Argentina Castro, irmã de Cristina, colhido em uma das várias visitas que fizemos por lá, visitas sempre acompanhadas de quitutes e quitandas:

*Uma irmã mais velha formada em biblioteconomia nutria o sonho de uma biblioteca em casa. O que fizemos, todos dessa família, foi unir coisas que gostávamos, que tínhamos e que acreditávamos. Assim nasceu a Papoco de Ideias. Nasceu como uma aposta, no meio de sentimentos difíceis (raiva, medo, revolta, tristeza, insegurança e angustia).*

Figura 1: Mapa de Localização da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias.



Elaboração: Autores, 2019.

A violência aos poucos foi se instaurando e de forma arrasadora entrou nos lares dos amigos e conhecidos de Cristina e sua família. A citada Argentina Castro, também fundadora da biblioteca comunitária, conta que sempre quando ouvia barulhos de tiros temia pelos amigos e pelos jovens do bairro. Nesse contexto, a biblioteca surge para lutar com livros contra a violência, sendo que os primeiros livros da biblioteca foram doados pelo pai das irmãs: uma série de enciclopédias.

É um hábito de a família Castro compartilhar tudo o que tem. A comunidade os conhece por ser uma casa de amigos, onde pode encontrar ajuda, partilha e afeto. Cristina fala que sua casa é aberta a todos. Lugar onde as crianças se quiserem ler elas irão ler, se quiserem brincar elas irão brincar. O lugar é livre... O espaço é lugar (TUAN, 2013).

A Papoco de Ideias, segundo as irmãs, é o único equipamento cultural do bairro, pois todo o tipo de atividade que envolve mais diretamente arte e cultura acontece na biblioteca. São realizadas, entre tantas outras atividades, oficinas de teatro, exposição de filmes, oficinas de desenho e pintura, saraus, além de mediações de leitura e rodas de conversa sobre temas relevantes para a comunidade, sempre com a participação de pessoas de outros lugares e de outras bibliotecas comunitárias.

O pai de uma das crianças frequentadora da biblioteca comunitária conta como eles têm mudado seus hábitos de leitura desde que descobriram a Papoco de Ideias. Ele relata que desde o momento em que começaram a frequentá-la têm adquirido o hábito de ler juntos e de comentarem as leituras realizadas. Conta também que a biblioteca é um equipamento importante para as crianças e os jovens encontrarem na leitura uma forma de se desvencilharem da violência diariamente vivida. Além disso, acredita que o contato com outras crianças, cria laços através da leitura, da brincadeira e das atividades culturais promovidas.

Na Figura 2 visualizamos um pouco do cotidiano na Papoco de Ideias, as atividades que lá acontecem, os espaços que a caracterizam, assim como se tem a dimensão do amplo quintal onde as crianças brincam e diversas atividades acontecem, as estantes de livros, etc.

Segundo Machado (2009), uma biblioteca comunitária é constituída de algumas características. Ela é criada pela comunidade como resultado de uma ação cultural; surge como meio de informatização como forma de luta pela igualdade e justiça; o processo de articulação gera uma participação efetiva da comunidade em que ela está inserida; estão localizadas em regiões periféricas e; não possuem vínculo governamental. São espaços,

portanto, que agregam diversas atividades educacionais, de lazer e de cultura para a periferia, buscando contribuir para o desenvolvimento social da comunidade.

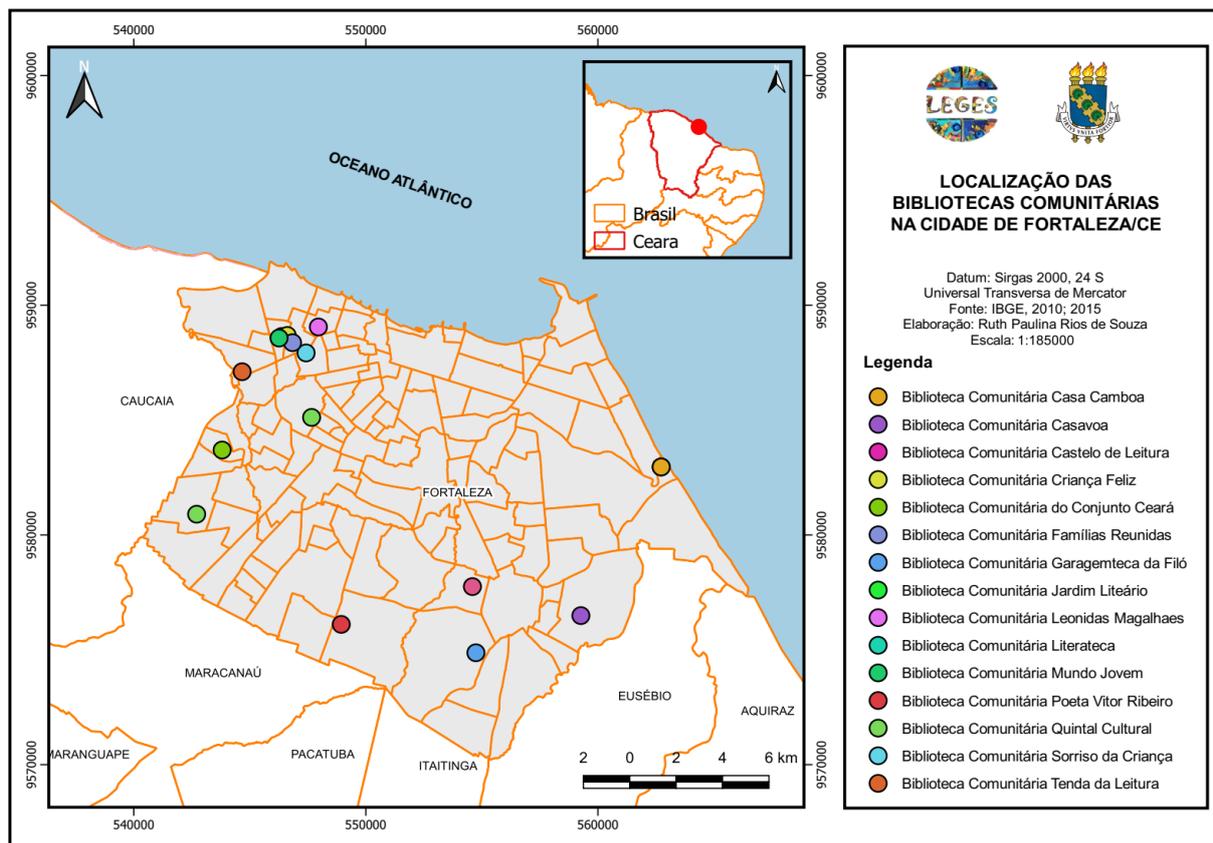
Figura 2: Imagens dos espaços e eventos que ocorrem na biblioteca comunitária.



Fonte: arquivo dos autores, 2019.

A Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias é uma entre tantas bibliotecas existentes na cidade de Fortaleza, muitas delas localizadas na periferia (ver Figura 3, para alguns exemplos). Todas (re)unidas, mesmo diante de suas particularidades, em torno de propósitos próximos, fortalecendo os laços com escritores, pesquisadores, gestores e pessoas de outras comunidades. Dessa forma, é possível entender que as bibliotecas formam uma rede de afetos (SILVA, 2019), (re)unindo forças em meio à segregação urbana e trazendo esperança para as comunidades que dela fazem parte.

Figura 3. Localização de algumas bibliotecas comunitárias em Fortaleza - CE.



Elaboração: Autores, 2019.

Cristina revela que tem algumas dificuldades de adaptação às metodologias da biblioteconomia, como a catalogação de livros e o sistema de empréstimos. Porém, a Papoco de Ideias possui uma ficha de acompanhamento de cada criança, contendo informações que vão desde dados pessoais, alergias e outros possíveis problemas médicos. São pelo menos 60 crianças cadastradas, boa parte delas criadas somente pela avó ou pela mãe e por tal motivo precisadas de maior acolhimento e atenção, pois, por não terem renda fixa, estão em sua maioria em situação de pobreza. Apesar das dificuldades metodológicas e práticas, as irmãs Castro dizem que este não é um problema, porque o intuito principal da biblioteca é o acolhimento.

A Papoco de Ideias não conta também com a assistência do Estado. A biblioteca, portanto, existe pelo esforço da família. Assim sendo, conta com algumas doações de outras instituições, como o Instituto da Primeira Infância (IPREDE) que doa alimentos. As atividades na biblioteca acontecem com pessoas convidadas pelas irmãs, e também contam, com doações de livros e materiais que podem ser usados para diferentes atividades. Sobre

isso, interessante novamente lermos o relato de Argentina, na percepção do papel que possuem diante da comunidade, mesmo sem as condições ideais para isso:

*Embora fazendo parte de um sistema que se preocupa mais com números do que com olhos que brilham pelo afeto, o dinheiro nunca foi o que nos manteve nessa empreitada. Ele nos faz falta? Sim, demais! Mas não foi a ausência dele que nos fez ficar paradas, de braços cruzados fazendo de conta que não temos responsabilidade nenhuma com o que acontece ao nosso redor. Temos consciência de classe, sabemos o nosso lugar e entendemos que sem luta, nada se transforma.*

Cristina e Argentina revelam que as crianças são o maior público da biblioteca. Os jovens são mais difíceis de serem “conquistados” e, geralmente, procuram o espaço para realizarem pesquisas da escola ou então aparecem nas mostras de filmes que ocorrem em frente à biblioteca. Para elas, trazer os jovens para a biblioteca é como um trabalho de “formiguinha”. Elas vão às escolas, vão também à comunidade e conversam com eles para chamá-los a visitar a Papoco de Ideias.

As irmãs relatam que as bibliotecas comunitárias são como uma extensão das comunidades, uma forma de unir-se e encontrar uma saída para toda a violência sofrida, do descaso, uma rede de resistência. É sintomático que as bibliotecas comunitárias estejam localizadas em espaços historicamente segregados. Elas são um apelo, um grito de socorro através da leitura, da arte e da cultura, para tentar resistir aos processos que buscam anular as possibilidades de melhora social de uma parcela grande da população da cidade de Fortaleza. No relato de Argentina, a partir do que é a Papoco de Ideias, lemos mais do papel de tantas outras bibliotecas:

*Queremos tratar aqui de tudo aquilo que nos adoecer como indivíduos e como coletividade. Que assuntos são esses? O que nos fere por dentro e por fora, que nos mata, que nos oprime, que nos constrange, que faz com que nos vejamos como coisa menor e sem importância. Que a Papoco de Ideias seja um lugar para a gente se melhorar e melhorar o mundo. Lugar de fala e de escuta, de encorajamento para perder o medo de crescer num mundo tão difícil, mundo esse que trata pobre como se fosse bicho quando nem os bichos merecem um tratamento ruim. Talvez a gente não consiga nada disso, mas pelo menos uma horazinha que uma criança passa aqui dentro que seja*

*um lugar de ressignificação de sentimentos, de pensamentos, de ação. Quando estão aqui que se sintam seguras dos adultos cruéis, se sintam afetadas pelo afeto, fortalecidas emocionalmente pela natureza que abriga essa casa.*

As bibliotecas comunitárias, nos contextos dos locais em que estão inseridas, são ocupações, resistências nesses espaços segregados tão difíceis quanto o próprio existir (SILVA et al, 2018). Pelos caminhos da leitura, da arte e da cultura é possível trazer às crianças e aos jovens o que lhes foi negado, um *front* onde os escudos são feitos de letras e de saberes escritos da própria comunidade. Na Papoco de Ideias se discute sobre os problemas da comunidade, mobilizam-se as pessoas a agirem dentro do próprio bairro e assim a biblioteca é transformada em um “grande megafone”, onde as pessoas podem gritar e serem ouvidas. Mais uma vez vale ler o que diz Argentina Castro: “*A gente quer contribuir com os sonhos de cada um*”.

## **ESPAÇO DE LEITURA, LUGAR DE RESISTÊNCIA?**

A literatura é maneira de contar histórias que de outro modo não apreenderíamos. Ela também constrói elos entre leitores e escritores na constituição de paisagens e lugares. A Geografia também não teria esse papel? Assim, o homem espacializa as suas emoções.

Durante todo o percurso realizado nesta pesquisa, desde o questionamento até a visita à biblioteca comunitária, em uma área historicamente repelida pelos agentes urbanos, refletiu-se sobre a necessidade de usar a Geografia também como arma de resistência, na elaboração de uma cartografia dos lugares esquecidos. Escrevera Mauro Mota (1961, p. 154): “[...] a Geografia, em qualquer dos seus ramos, não é nem pode ser uma disciplina estática. Nasceu para um percurso sem limites com o deslumbramento do primeiro homem diante da sedução da natureza”.

A Geografia é arma e a literatura munição. É afeto e autoconhecimento, para as pessoas se entenderem como sujeitos autônomos, conhecedoras de seu mundo. Nas bibliotecas comunitárias, e na Papoco de Ideias, em específico, eles encontram refúgio nas letras, nas palavras, afinal “[...] a palavra inventa/descobre a realidade humana em sua complexidade, em suas aporias” (PERISSÉ, 2008, p 15). É necessário entender que a literatura para os jovens e as crianças que frequentam as bibliotecas comunitárias é base para

elas (re)inventarem o seu próprio mundo, a sua própria geografia. Além da literatura, o brincar traz o convívio com o outro e dinamiza geograficidades.

Cartografar esses espaços literários é descobrir terras incógnitas, como preconizou Wright (2014), terras que têm na imaginação a sua essência. Assim, realidades emergem e são adensadas no emaranhado das redes urbanas, esquecidas pelo Estado e apagadas pelas mídias. A Geografia é holofote para esses espaços que são, sobretudo, lugares de resistência.

Descobrir que a rede constituída pelas bibliotecas comunitárias mobiliza pessoas, ações e emoções e concretizam no espaço a produção de conhecimentos, de artes e de saberes, gera uma nova forma de interpretarmos a periferia, entendendo-a em sua porção de novidade, de criatividade.

Por fim, a Geografia Humanista e Cultural, pelos caminhos da Geografia Literária, permite que lugares de resistência sejam revelados, que afetos sejam cartografados, que novas nuances do espaço sejam trazidas, afinal, tomando novamente de empréstimo as palavras de Argentina Castro: *“Pensei que o livro podia ser o caminho a nos levar para muitos outros”*. E a Geografia, não possui também esse papel?

## REFERÊNCIAS

BRITO, Luciana. A fome: retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século XX. **Estação Literária**, Londrina, v. 10, n. 8, p.111-125, jan. 2013.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. p. 17-77.

CARLOS, Ana F. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Labur, 2007.

CAVALCANTE, Tiago V. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

COSTA, Maria C. L. Fortaleza, capital do Ceará: transformações no espaço urbano ao longo do século XIX. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 130, n. 3, p.81-111, mar. 2014.

DANTAS, Eustógio W. C; COSTA, Maria C. L.; ZANELLA, Maria E. **Vulnerabilidade socioambiental e qualidade de vida em Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2016.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERNANDES, Ronaldo C. Narrador, cidade, literatura. In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo C. **O imaginário da cidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. p. 19-36.

LIMONAD, Ester. Reflexões sobre o espaço, o urbano e a urbanização. **GEOgraphia**, Niterói, v. 1, n. 1, p.71-91, mar. 1999.

MACHADO, Elisa C. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 2, p.80-94, 2009.

MARICATO, Ermínia. Metrópole, legislação e desigualdade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 48, p.151-167, maio 2003.

MARQUES, Fabrício. **Uma cidade se inventa**: Belo Horizonte na visão de seus escritores. Ensaio fotográfico de João Marcos Rosa. Belo Horizonte: Editora Scriptum, 2015.

MONTEIRO, Carlos A. de F. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MOTA, Mauro. **Geografia literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

OLIVEIRA, Livia de; MARANDOLA JR, Eduardo. Caminhos geográficos para a literatura. In: ALVES, Ida F.; FEITOSA, Marcia M. M. **Literatura e paisagem**: perspectivas e diálogos. Niterói: Editora da UFF, 2010. p. 121-138.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. O processo de industrialização e as novas articulações cidade – urbano – região. In: **XII Encontro de Geógrafos da América Latina**, Montevideu. 2009. p. 1 – 15. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/GeografiasocioeconomicaGeografiaIndustrial/33.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2ªed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2009.

SAVATER, Fernando. **Lugares mágicos**: os escritores e suas cidades. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, ano 7, n. 76, p. 327-332, jul. 1949.

SILVA, Maria B. et al. Incidência política: ocupação e resistência. In: GUERRA, Adriano; LEITE, Camila; VERÇOSA, Érica (Org.). **Expedições Literárias**: tesouro das bibliotecas comunitárias no Brasil. Belo Horizonte: Formato, 2018. Cap. 18. p. 155-164.

SILVA, Francisco R. do N. **Rede de afetos**: práticas de re-existências poéticas na cidade de Fortaleza (CE). 2019. 207f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

SOUZA, Fabio A. de H.; XIMENES, Yasmin. **Violência urbana e vulnerabilidades em Fortaleza, Brasil**. Fortaleza: Ideias do Brasil, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

ZANELLA, Maria E. et al. Vulnerabilidade Socioambiental do Baixo Curso da Bacia Hidrográfica do Rio Cocó, Fortaleza – CE. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, v. 25, n. 2, p.317-332, mai./ago. 2013.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, Niterói, v. 4, n. 2, p. 4-18, Inverno 2014.

### **Agradecimentos**

Agradecemos à família Castro, da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias, por nos abrirem, com tanta atenção e alegria, as portas de sua casa cheia de livros, de crianças e de plantas. Casa de sonhos, tão importante para a comunidade que a envolve.

**Trabalho enviado em fevereiro de 2020**

**Trabalho aceito em maio de 2020**